

# Resumo de notícias econômicas

10 de junho de 2021 - *(quinta-feira)*

Ano 3 n. 107

Núcleo de Inteligência da Sedet



**CEARÁ**  
GOVERNO DO ESTADO  
SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO  
ECONÔMICO E TRABALHO

# PRINCIPAIS NOTÍCIAS DE POLÍTICA ECONÔMICA: 10 DE JUNHO DE 2021

## **Analistas veem inflação disseminada e duradoura (10/06/2021)**

### **Broadcast**

Índice oficial de inflação do País, o IPCA foi de 0,83% em maio, maior resultado para o mês desde 1996. A inflação acumulada em 12 meses subiu para 8,06%. O índice foi pressionado por itens como energia elétrica e combustíveis. Analistas alertam que a inflação está mais alta, disseminada e duradoura do que se estimava e elevaram as previsões para os juros. Sob pressão de preços monitorados pelo governo, como a energia elétrica e os combustíveis, mas também de aumentos acima do previsto em outros itens da cesta de consumo das famílias, o IPCA, índice oficial de inflação do País, ficou em 0,83% em maio. Foi o maior resultado para o mês desde 1996, segundo os dados divulgados ontem pelo IBGE. Os analistas alertam que a inflação está mais alta, mais disseminada e mais duradoura do que se estimava anteriormente.

O resultado ficou acima até mesmo das previsões mais pessimistas de economistas ouvidos pelo Projeções Broadcast, que esperavam uma inflação entre 0,65% e 0,76%. A taxa acumulada pelo IPCA em 12 meses está agora em 8,06%, ante uma meta de 3,75% perseguida pelo Banco Central ao fim do ano (com margem de tolerância de 1,5 ponto para mais ou para menos). Com o anúncio do IBGE, os economistas passaram a revisar para cima suas previsões tanto para a inflação como para a taxa de juros – a ferramenta usada pelo BC para tentar conter a alta de preços. “O índice está alto e causa preocupação. Isso deve levar o Banco Central a continuar a subir a taxa de juros”, disse o economista-chefe do Banco Itaú, Mário Mesquita

“A inflação mais pressionada parece mais duradoura. Na verdade, está havendo espalhamento. Vemos, pela difusão, que não é concentrada em um item só. O índice de difusão (que aponta a distribuição da inflação pelos diferentes tipos de produtos) ficou em 64% em maio e está rodando acima de 60% nos últimos três meses. Essa questão de custos está muito espalhada em toda cadeia. Os problemas na cadeia de suprimentos impactam a produção de diversos itens”, diz Tatiana Nogueira,

economista da XP Investimentos. Ela também diz acreditar agora numa Selic de 6,5% ao fim deste ano. Antes, a aposta da corretora era de que esse nível só seria atingido em 2022.

Após a surpresa com o IPCA de maio, a LCA Consultores já elevou a projeção para a inflação de 2021, de 5,50% para 5,80%, se distanciando cada vez mais do teto de tolerância da meta, de 5,25%. Além da taxa mais “salgada” em maio, a consultoria cita pressões derivadas direta e indiretamente da energia elétrica. No mês passado, a LCA já tinha elevado a projeção para o IPCA de 5,0% para 5,50%, por conta do cenário hídrico mais desafiador, da alta mais forte de commodities e da expectativa de aquecimento maior da atividade no segundo semestre.

## **OCDE mostra a aceleração da inflação (10/06/2021)**

### **Broadcast**

A acelerada recuperação das principais economias do mundo vem acompanhada do aumento da inflação, que está atingindo níveis não observados há muitos anos. Nos países que fazem parte da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a inflação acumulada em 12 meses passou de 2,4% em março para 3,3% em abril. Esta é a maior alta média dos preços desde setembro de 2008, de acordo com a OCDE.

Nos últimos 12 meses, a inflação nos países da OCDE, e em vários outros, como o Brasil, foi impulsionada pela alta dos preços de energia e de algumas das principais commodities agrícolas. Se da inflação nos países da OCDE medida pela variação do índice de preços aos consumidores forem excluídas as variações de alimentos e energia, voláteis no mercado mundial, a alta em 12 meses ficaria em 2,4% em abril e em 1,8% em março. A aceleração da inflação é generalizada entre os países da OCDE. Nos Estados Unidos, ela passou de 2,6% em março para 4,2% em abril; no Canadá, de 2,2% para 3,4%; no Reino Unido, de 1,0% para 1,6%; na Alemanha, de 1,7% para 2,0%. Na região do euro, passou de 1,3% para 1,7%. Exceção notável é o Japão, cuja deflação, de -0,2% em março, se aprofundou para -0,4% em abril.

No G-20, grupo das 20 maiores economias mundiais do qual o Brasil faz parte, a inflação anualizada passou de 3,1% em março para 3,8% em abril. Argentina, Brasil,

China, Arábia Saudita e África do Sul são países do grupo – além dos que fazem parte também da OCDE – onde a inflação sobe. O expressivo aumento de muitas commodities nos últimos meses se dá sobre uma base de comparação (preços em abril de 2020) comprimida, por causa das medidas de restrições tomadas por muitos países para conter o avanço da pandemia. Com a retomada do crescimento, esses preços alcançaram níveis muito altos.

Em abril, os preços de energia na OCDE estavam 16,3% mais altos do que um ano antes. Em março, o aumento fora de 7,4%. É possível que a alta se mantenha por meses. As medidas restritivas, como o trabalho em home office, fizeram aumentar muito a demanda de vários produtos, levando à escassez deles, com reflexos óbvios nos preços. Já há sinais de que a cadeia de produção de bens começa a se normalizar, mas não é um processo imediato.

## **Dólar em queda (10/06/2021)**

### **O Estado de S. Paulo**

Inflação mais alta favorece movimento dos últimos 2 meses de valorização do real diante do dólar. Depois de chegar a R\$ 5,80 em março, ficar em R\$ 5,40 em abril e fechar o mês de maio em R\$ 5,22, o dólar caiu ainda mais ao longo dos primeiros dias de junho, alimentando a expectativa no mercado financeiro de um rompimento da marca de R\$ 5.

A moeda americana fechou no dia 8 de junho a R\$ 5,03, cotação que oscilou em 9 de junho para R\$ 5,06 (alta de 0,69%), mas especialistas ainda veem espaço para novas quedas nos próximos dias. O movimento de valorização do real tem sido puxado por uma conjunção de fatores externos favoráveis, como a abundância de recursos no mercado internacional e o aumento de exportações brasileiras, puxadas pela retomada da economia mundial e alta dos preços das commodities agrícolas e metálicas. No ambiente interno, a alta da taxa Selic favorece a entrada de dólares no País, com a busca dos investidores por ganho mais elevado. O clima das últimas semanas é também de maior otimismo, com o crescimento da economia brasileira, melhora da arrecadação do governo e perspectiva de a dívida pública fechar em patamar mais baixo do que o previsto, apesar de o risco fiscal do País ainda não ter saído do radar.

“É o resultado de uma enxurrada de dólares, euros e yuans no mundo”, diz Nathan Blanche, da Tendências Consultorias. Segundo ele, o fluxo cambial mais forte e a perspectiva de um superávit da balança comercial de pelo menos US\$ 25 bilhões a mais do que os US\$ 50 bilhões registrados no ano passado ajudam a reforçar a queda da cotação do dólar. Ele lembra que o fluxo cambial do ano, até 4 de junho, estava positivo em US\$ 10,5 bilhões, enquanto no mesmo período de 2020 o saldo estava negativo em US\$ 9,6 bilhões. Ou seja, tem muito mais dólares entrando no País. Blanche calcula que a taxa de câmbio de equilíbrio seria de, no máximo, R\$ 4,50, mas ressalta que o Brasil ainda tem uma doença crônica que é o rombo nas contas públicas a atrapalhar.

Professor da Universidade Federal do ABC, Fábio Terra diz acreditar que as condições internas do Brasil têm pouco efeito nesse movimento de queda do dólar. Ele avalia que o dólar está cedendo por conta do ciclo de liquidez internacional, que melhorou bastante há um mês, depois que investidores e empresários assimilaram o plano econômico do presidente dos EUA, Joe Biden. “O mundo entra num cenário um pouco mais calmo e isso favorece o Brasil, porque os investidores estão menos avessos ao risco”, diz. Terra aponta outro fator que está favorecendo o cenário atual: os exportadores, que estavam deixando lá fora as receitas obtidas das suas vendas, começaram a trazer os dólares para o País. “Os exportadores estão aproveitando para voltar com o dinheiro enquanto o dólar ainda está valorizado. Para eles, é importante voltar num momento de dólar mais alto”, afirma. O economista da UFABC diz que há margem para uma queda maior na direção do câmbio de equilíbrio entre R\$ 4,50 e R\$ 4,60. O gatilho para esse movimento vai depender de como vierem os dados da economia americana e da decisão do Banco Central dos Estados Unidos sobre os juros.

## **Nova geração de fundos se prepara para investir em startups.**

**(10/06/2021)**

### **Broadcast**

Tradicionalmente, o financiamento de startups brasileiras esteve nas mãos de poucos nomes – gigantes como Softbank, Monashees, Kaszek e Tiger Global ajudaram a construir um cenário que já inclui 14 unicórnios (empresas avaliadas em pelo menos US\$ 1 bilhão) e outra dezena de fortes candidatas à marca. Os tempos, no entanto,

mudaram. O nosso mercado de startups amadureceu e, nos últimos dois anos, uma nova geração de fundos brotou por aqui.

Na turma, existem visões e objetivos variados, como preferência por startups de regiões específicas do País ou interesse em mercados específicos, como setor financeiro, varejo e educação. Os números mostram o avanço dos fundos de investimento: somente em 2021, US\$ 3,9 bilhões foram investidos em startups locais, 11% a mais do que todo o ano de 2020, segundo a empresa de inovação Muitos dos nomes da nova geração, como Maya, Volpe Capital, Caravela, Norte, Big Bets e Scalexopen, já começam a aparecer nesses aportes.

Ao contrário dos nomes tradicionais, os novos fundos costumam olhar para startups em estágio inicial, nas quais risco e retorno costumam ser mais altos. Para diminuir os riscos, eles costumam guiar as empresas investidas, ajudando e aperfeiçoando o negócio – no setor, a prática ganhou o nome de “smart money”: o dinheiro vem acompanhado de aconselhamento empresarial. Essa é a especialidade da Caravela Capital, fundo criado em agosto de 2019 em Curitiba. “A jornada empreendedora é muito solitária, então é importante ter com quem compartilhar os problemas e trocar ideias”, segundo Mario de Lara, um dos sócios da Caravela.

Em alguns casos, a experiência da equipe acaba virando vitrine para atração de investidores e startups. É o que faz a Volpe Capital, gestora criada no fim de 2020 por André Maciel, um dos principais nomes do Softbank no Brasil nos últimos dois anos. “É impossível um fundo estrangeiro chegar no Brasil e montar uma equipe como a nossa”, diz Maciel. “É preciso conhecer bastante o mercado local”. Para ele, além de dinheiro, o fundo pode oferecer uma extensa rede de contatos – a Volpe levantou US\$ 100 milhões para investir em nossas startups.

Alguns fundos têm atuação regional. A Caravela busca equilibrar o investimento: metade dos cheques são direcionados a empresas da região Sul, onde fica a sede do fundo, e a outra parte é para o restante do Brasil. “Queremos ser o primeiro fundo institucional a entrar na startup investida”, afirma Lara, que foi investidor-anjo de empresas como Contabilizei e James Delivery (comprada pelo Grupo Pão de Açúcar em 2018).

Essa é uma visão parecida com a da Maya Capital, liderada pela dupla Lara Lemann e Monica Saggiore desde 2018. “Nossa tese é ser a primeira rodada de venture capital de startups da América Latina e aí também colocamos a mão na massa nesses negócios”, explica Lara.

Há também quem queira usar os investimentos para criar interação entre as startups investidas. É o caso do fundo Scalexopen, criado neste ano por João Alfredo para buscar, com cheques de R\$ 500 mil a R\$ 5 milhões, startups nas áreas de marketplace, delivery, fintechs, crédito, programas de cashback, marketing e chatbots. Isso significaria que uma startup de marketplace poderia usar o chatbot de outra e a solução de delivery de uma terceira – todas investidas pelo mesmo fundo.

O bom momento para o nascimento de novos fundos tem razão de ser, defende a fundadora da empresa de investimentos Dilimatch, Fabiany Lima. Para ela, empreendedores e aceleradoras estão amadurecendo há anos. Além disso, houve um fomento à formação de investidores anjo, o que impulsiona startups e torna acessível a entrada de fundos em futuras rodadas de negócios. Esses fundos acabam preenchendo um espaço importante na evolução das startups, já que grandes nomes costumam entrar somente em rodadas mais avançadas.

Há dúvidas, porém, sobre até quando vai durar esse bom ciclo de investimentos de fundos de primeira viagem. Para Luiz Fernando Silva Neto, analista de venture capital da ACE Startups, a dúvida reside em como vão ser os retornos. “Até quando esses fundos de primeira viagem vão conseguir retornar os investimentos?”, questiona. “Se não conseguirem, muitos vão sair do mercado. É uma seleção natural.”

## **Apesar de ter matriz limpa, Brasil discute riscos energéticos**

**(10/06/2021)**

### **O Estado de S. Paulo**

Enquanto o mundo debate a maneira mais eficiente de participar da transição energética para “limpar” sua matriz de geração, o Brasil já parte de uma posição privilegiada para cumprir metas e objetivos de descarbonização. Segundo dados da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), cerca de 83% da geração elétrica do Brasil provém de fontes renováveis, com destaque para a hídrica e avanços constantes em eólica e solar, além da biomassa. Mesmo com esse potencial, os desafios que se

colocam hoje residem na regulação, na segurança do fornecimento e na precificação do insumo, de acordo com a opinião de especialistas que participaram do webinar Caminhos da Energia.

O presidente da Votorantim Energia, Fabio Zanfelicce, destacou as características ímpares do Brasil nessa corrida global pelo uso das energias renováveis, como a complementariedade e alta interconexão. “Temos vento à noite e sol durante o dia. Temos biomassa que gera durante o período seco, hidrelétrica durante o período úmido. Ou seja, temos complementariedade de todas as formas. O Brasil é uma potência energética, como é uma potência agrícola, e nós temos que aprender a explorar isso”, comentou.

O presidente da consultoria PSR, Luiz Barroso, afirmou que a própria forma como o mundo se relaciona com a energia está mudando desde que se iniciou a busca por uma matriz elétrica de menor intensidade e de uma utilização de matriz mais “limpa” para eletrificar o restante da economia. “Uma série de inovações tecnológicas, como a geração colocada ao lado do consumidor – a chamada geração distribuída –, o painel solar e as baterias trazem um conceito mais amplo que o da transição energética, mas de transformação energética”. Ele deu como exemplo a penetração de carros elétricos. “Não adianta nada você ter um carro elétrico num país onde a eletricidade é produzida a partir da geração a carvão”.

O diretor executivo do Instituto Escolhas, Sergio Leitão, concordou que o Brasil é o país das energias renováveis, mas criticou o atual planejamento estratégico da EPE, que se estende até 2030, por prever grandes investimentos em fontes consideradas mais “sujas”. “Na terra do ‘pré-sol’, do ‘pré-vento’, por que a gente perde tempo com o pré-sal?”, perguntou no evento. Ele destacou que o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, lançou um plano de infraestrutura e emprego no qual propôs 100% de uma matriz elétrica, renovável e limpa. “E aqui no Brasil estamos fazendo o caminho inverso, dando dinheiro, dando subsídios para sujar a nossa matriz”.

É exatamente no gerenciamento do período de transição para uma matriz cada vez mais renovável que existe uma discordância entre os especialistas. Para Barroso, da PSR, o gás natural pode cumprir o papel de energia de transição. “O Brasil não pode prescindir de nenhuma fonte, absolutamente”, defendeu. Leitão tem uma posição

contrária. “Quando se fala em gás como elemento de transição, a palavra implica um tempo, uma transitoriedade. Se perguntar para o ministro de Minas e Energia quanto tempo vai durar a transição, ele não vai saber responder”.

O executivo reclama especialmente da crítica que é feita sobre a intermitência das fontes renováveis. “Vamos combinar: o que não é intermitente? A gente está falando agora exatamente de uma crise hídrica. Então a gente vai dizer que a energia de base do País, que é a hidroeletricidade, é uma fonte intermitente? Todas as fontes são variáveis. Se o caminhão de diesel não chegar à térmica a diesel vai sofrer também a sua intermitência, porque é uma questão de insumo”, comparou Leitão.

## **Geração híbrida: Complementaridade de fontes é uma aposta segura (10/06/2021)**

### **Broadcast**

Com várias opções sobre a mesa dos planejadores energéticos tanto de médio quanto de longo prazo, um caminho que parece sem volta é o da integralização das mais variadas fontes de energia. Claro, quanto mais renovável, melhor.

Fabio Zanfelicce, da Votorantim Energia, destacou que a companhia já direcionou seus investimentos majoritariamente na busca pela maior produtividade de seu parque de geração renovável. A complementaridade de fontes é uma das apostas. No fim de maio, por exemplo, os órgãos reguladores nacionais aprovaram o primeiro projeto-piloto em escala comercial no Brasil para fazer a combinação de energia solar e de eólica no Piauí.

O executivo explicou que o recurso eólico da unidade, de 205 MW, é muito mais forte à noite, menos intenso durante o dia, deixando a instalação ociosa no período. “Apresentamos à Aneel e ao ONS um projeto de energia solar, com 68 MW instalados no pico, para que complementasse essa capacidade de geração eólica e otimizasse o uso do sistema de transmissão”. A inovação vai trazer benefícios tanto do ponto de vista de redução de custos de manutenção e de operação como de prevenção de investimentos no segmento de transmissão

Outra opção para o futuro, que está hoje em testes e que pode revolucionar ainda mais o setor elétrico, é o hidrogênio. Segundo o consultor Luiz Barroso, o uso do gás para gerar energia não é novo, mas que a tecnologia tem permitido produzi-lo a partir de fontes menos poluentes. “O ‘pulo do gato’ é que o avanço tecnológico fez com que o custo do eletrolisador, a maquininha que recebe a energia e produz a molécula do H<sub>2</sub>, tivesse baixado bastante de preço. O ‘hidrogênio verde’ é o hidrogênio a partir de energias renováveis”, explicou.

Segundo o especialista, como o hidrogênio é um combustível intensivo em energia e muito transversal (pode ter muitas finalidades), começou a ganhar muita tração. “Até porque, mesmo que a gente consiga trabalhar num sistema 100% renovável, descarbonize tudo, existem alguns setores, sobretudo industriais, que são difíceis de descarbonizar pela característica do processo. Então o hidrogênio passou a ser o elo perdido nessa transição energética porque consegue entrar para atuar como combustível para descarbonizar setores que são difíceis de serem descarbonizados.” Segundo Zanfelice, da Votorantim Energia, o hidrogênio é uma frente de estudos para a companhia, mas ainda existe um longo caminho para que seja viável em escala comercial. “O hidrogênio é um produto que terá a mesma evolução tecnológica que houve com os recursos eólicos, com as fontes solares.”

## **Cidades inteligentes: Soluções passam por digitalização, automação e eletrificação de parte da frota (10/06/2021)**

### **O Estado de S. Paulo**

De acordo com o Banco Mundial, cidades inteligentes são aquelas que praticam políticas baseadas em intensidade tecnológica e em inovações direcionadas à melhor eficiência dos serviços e do aproveitamento mais sustentável de seus recursos. Na área energética, soluções que visam a utilização mais racional da eletricidade, digitalização e substituição de combustíveis menos poluentes são partes cada vez mais importantes nessa transformação. O webinar Caminhos da Energia, discutiu as tendências, os desafios e as oportunidades do setor.

A CEO e fundadora da plataforma digital Bright Cities, Raquel Cardamone, aponta que existem vários indicadores que permitem observar se as cidades estão trabalhando na direção de se tornarem mais inteligentes e sustentáveis. Especificamente na área de energia, existem indicadores para medir e comparar, por exemplo, a duração média de interrupções no fornecimento de eletricidade, a contabilização da frota de carros elétricos para avaliar a redução de emissões, e até mesmo a porcentagem da população atendida pelo serviço elétrico. “A gente consegue melhorar o que a gente consegue medir”, defende Raquel, que também coloca o papel dos consumidores como sendo central para a melhoria das cidades.

O conceito de cidade inteligente no Brasil, segundo Raquel, teve como porta de entrada justamente os serviços de energia, com os projetos mais modernos de iluminação pública. “Passamos a ter uma oportunidade de aplicar essas tecnologias, não só para entregar uma iluminação pública mais eficiente, usando lâmpadas mais eficientes, mas também para usar o poste não só para a iluminação, mas também em outros serviços acoplados, como câmeras de segurança, mobilidade, e uma infinidade de oportunidades”, destacou.

Para o professor Nelson Kagan, da Escola Politécnica da USP, a adoção das chamadas redes inteligentes de energia (smart grids) é fruto de uma visão baseada na convergência tecnológica. “Vai desde a mobilidade, dos veículos híbridos e elétricos, até a automação da rede”, lista o professor, que também coordena o laboratório Naprei, de pesquisa de redes elétricas inteligentes. Sobre a medição inteligente do consumo por meio de aparelhos totalmente digitais, Kagan esclarece que os aparelhos não são apenas uma maneira mais eficiente de medir o consumo. Segundo ele, a medição inteligente proporciona maior participação do consumidor, que deixa de ter um papel passivo.

O laboratório da USP, coordenado por Kagan, surgiu na década passada a partir de um trabalho realizado com 43 concessionárias de energia para avaliar como se daria a implementação de redes inteligentes no Brasil. Mesmo assumindo que soluções adotadas no exterior seriam facilmente “customizadas” no País, o diagnóstico inicial também previa que haveria desafios próprios a serem seguidos. “Toda ideia do nosso laboratório é emular a rede elétrica inteligente e trazer sistemas reais para serem

integrados a uma representação digital da rede. E aí pode trazer os sistemas de TI da empresa e testar de forma sistêmica. E isso a gente tem feito com algumas empresas com bastante sucesso”, conta Kagan.

Uma das inovações em estudo é a geração distribuída em nível residencial por meio de painéis solares. “Temos um potencial enorme e visto um aumento exponencial da utilização dos painéis em residências e comércios, pela diminuição do custo”, destacou. As questões a serem resolvidas nessa área são mais técnicas hoje do que de regulação, uma vez que o consumidor passa a trabalhar com outro fluxo, pois se torna fornecedor do sistema e precisa de outro tipo de medição.

*Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.*

**Assessoria de Comunicação - Sedet**  
**Fone: (85) 3444.2900**  
**[www.sedet.ce.gov.br](http://www.sedet.ce.gov.br)**

# MERCADOS E ÍNDICES SELECIONADOS (10/06/2021)

DADOS DEMOGRÁFICOS				
INDICADOR/REGIÃO	CEARÁ	NORDESTE	BRASIL	PERÍODO
Área Km2	148.894	-	8.510.295	
População	9.187.103	57.374.243	211.755.692	
Dens demográfica hab/km2	56,76		22,43	

Fonte: IBGE

INDICADORES SOCIAIS				
INDICADOR/REGIÃO	CEARÁ	NORDESTE	BRASIL	PERÍODO
Índice de GINI:	0,6193	0,6277	0,6086	
Renda domiciliar per capita R\$	942	-	2.398,00	
Expectativa da Vida	74,1	-	76,7	2017
IDH	0,68	-	0,765	2010

Fonte: IBGE

DADOS ECONÔMICOS				
INDICADOR/REGIÃO	CEARÁ	NORDESTE	BRASIL	PERÍODO
PIB	R\$ 156,1 BI	-	R\$ 6,90 TRI	2020
Saldo da Balança Comercial (Em Mi US\$)	-318,8 (12º)	-	7.907,8	Jan-Mar/2021
Estoque do Volume de Crédito	87,76 BI		4,05 TRI	Fev/2021
INFLAÇÃO				
	RMF	NORDESTE	BRASIL	PERÍODO
Meta	-	-	3,75	2021
IPCA (Acumulado no Ano)	3,36		2,37	04/2021

Fonte: Banco Central, ME e IBGE

MERCADO DE TRABALHO				
INDICADOR/REGIÃO	CEARÁ	NORDESTE	BRASIL	PERÍODO
Contratações	150.989	812.613	6.406.478	Jan-Abr/2021
Demissões	130.963	724.037	5.448.589	Jan-Abr/2021
Saldo de Empregos Gerados	20.026	88.576	957.889	Jan-Abr/2021
Desocupação (%)	14,4	17,2	13,9	4 TRI 2020
Nível de Ocupação (%)	42,8	41,6	48,9	4 TRI 2020
População em Idade de Trabalhar	7.620 (100%)	46.767 (100%)	176.362(100%)	4 TRI 2020
Força de Trabalho (mil)	3.808 (50%)	23.484 (50%)	100.104 (57%)	4 TRI 2020
Ocupada (mil)	3.260	19.455	86.179	4 TRI 2020
Desocupada (mil)	548	4.029	13.925	4 TRI 2020
Fora da Força de Trabalho (mil)	3.812 (50%)	23.283 (50%)	76.258 (43%)	4 TRI 2020

Fonte: IBGE e ME

Total de Empresas Ativas -2021				
INDICADOR/REGIÃO	CEARÁ	NORDESTE	BRASIL	PERÍODO
Empresas Ativas	600.790	3.462.249	19.907.733	2020

Fonte: ME

Abertura/Fechamento de Empresas – Ceará -2018 a 2021					
Especificação	Total do Ano			2021	
	2018	2019	2020	Maio	Até Maio
	Abertura	69.981	84.948	89.084	8.455
Fechamento	71.796	31.501	27.463	2.735	14.638
Saldo	-1.815	53.447	61.621	5.720	31.048

Fonte: JUCEC

CONDEC – 2020 e 2021				
	Protocolos (Atraídos)		Resoluções (Implantados)	
	2020	2021 (Até Maio)	2021	2021 (Até Maio)
Quantidade	39	13	19	2
Investimentos Privados Projetados (R\$)	881.278.406,90	66.902.080,54	165.696.341,37	48.222.455,48
Emprego Direto Projetados	7296	1297	1965	10

Fonte: ADECE

PECEM – Total de Movimentação de Cargas (Toneladas) – 2018 a2021					
Período	Total do Ano			2021	
	2018	2019	2020	Abril	Até Abril
		17.214.859	18.096.308	15.930.483	1.755.051

Fonte: CIPP